

Quarta-feira, 25 de abril de 1979

Schemberg deseja o fim do Acordo

BELO HORIZONTE — Afirmando ser preferível “perder o que já gastamos em Angra a continuar a investir no incerto, no quase obsoleto, no perigo”, o físico Mário Schemberg manifestou-se a favor da interrupção do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha. “Pelo menos, será impossível que ele se realize dentro dos prazos previstos” — acrescentou.

“Suspeito que as verdadeiras razões do Programa Nuclear Brasileiro são de origem militar. Economicamente não as vejo. E o segredo como tudo se fez, reforça a suspeita. Mas, dentro do raciocínio militar, vejo uma perigosa incoerência estratégica. Decidiu-se pela região de Angra, por localizar-se no centro industrial brasileiro. Ora, em qualquer guerra não há alvo tão preferencial como um reator. Ele é uma bomba instalada, que espalhará a morte em um raio de 800 km, tão logo atingido” — afirmou Schemberg.

O físico considera ainda a central nuclear de Angra como uma bomba permanente, “porque com vida útil média de 20 anos, uma vez desativado por causa da carga de radioatividade de seu núcleo, o reator continua sendo uma bomba a atrair armas inimigas”.

Falando no 1.º Seminário sobre Energia, opinou que a opção nuclear representou um grande paradoxo, pois o cumprimento do Acordo Nuclear representará um dano ao desenvolvimento. “Não dispomos de capitais para usá-los na construção de usinas nucleares que produzirão energia três ou quatro vezes mais cara do que a gerada pelos nossos rios” — lembrou.

Exemplificando o perigo dos reatores, o físico citou o caso de uma pequena usina desativada nas proximidades de Munique, Alemanha. “Na impossibilidade total de desmontá-la — pois os operários que entrassem dentro do reator seriam mortos pela radioatividade —, o governo alemão gasta uma fortuna para manter 100 soldados, fortemente armados, para cercá-lo dia e noite. Tamparam com terra os

“País manterá os compromissos”

BRASÍLIA (Sucursal) — A evidência de uma crescente onda de protestos e pressões com relação ao Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, foi um assunto apresentado, ontem, ao chanceler Saraiva Guerreiro. Ele apressou-se a repetir: “O Acordo, como disse o presidente, está absolutamente de pé. Quando se assina um contrato é para valer. O Brasil é um parceiro confiável”.

Para o ministro, o que se discute são problemas de execução, que “levariam no máximo a entendimentos que não conduzem à revisão do Acordo. Problemas, por exemplo, de localização, ou de tempo. O Brasil vai cumprir o Acordo. Quanto à modalidade e tempo de execução, são assuntos conversáveis”.

Guerreiro procurou ainda assegurar que na visita do chanceler alemão ao Brasil, este não foi um assunto de maior importância.

reatores desativados. Isto tudo, todavia, não protege ninguém contra o perigo, pois basta um terremoto ou uma bomba que provoque uma rachadura nas paredes do edifício, para que a radioatividade escape e se espalhe pela atmosfera”.

Schemberg voltou a denunciar a fina espessura das paredes dos edifícios que abrigam os reatores instalados em Angra, lembrando que enquanto nos outros países ela chega a um metro, para protegê-los do eventual impacto de aviões, no Brasil a espessura foi reduzida a 60 centímetros.

O físico voltou a defender a troca da energia de fissão pela da fusão. Lembrou que os problemas de natureza técnica para a utilização de tal tipo de energia deverão estar resolvidos dentro de 50 anos e sugeriu que o País comece a investir desde já na sua pesquisa.